

Recebido em jul. 2011
Aprovado em dez. 2011

**O “RÉEALISMO” DE NIETZSCHE: MARCAS DE UMA AMIZADE
EM TORNO DA PRODUÇÃO DE *HUMANO, DEMASIADO HUMANO***

JELSON ROBERTO DE OLIVEIRA *

RESUMO

O objetivo desse texto é demonstrar a importância da amizade de Paul Rée para Nietzsche no momento crucial de seu rompimento com as teses schopenhaurianas e wagnerianas e de produção de sua obra *Humano, demasiado humano*. Essa influência está ligada ao projeto de combate aos idealismos presentes na filosofia metafísica, na religião cristã e na arte romântica. A “arma” desse combate se chama “réealismo”, cuja expressão, como se verá, está ligada a uma prática filosófica que articula a teoria darwinista da seleção natural às análises psicológicas e às idéias evocadas pelos moralistas franceses no que diz respeito à natureza humana. Identificado por Nietzsche como um “espírito livre”, Rée é mantido no âmbito de uma amizade ambígua, mas fecunda, até o distanciamento decisivo motivado pela crítica nietzschiana ao altruísmo e à falta de questionamento da necessidade de fundamentação da moral – expediente que, posteriormente, será caracterizado como genealógico, por sua pergunta sobre o valor da própria moral.

PALAVRAS-CHAVE

Nietzsche. Rée. Darwinismo moral. Amizade.

* Doutor em FILOSOFIA. Professor do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ.

ABSTRACT

The aim of this paper is to demonstrate the importance of the friendship between Paul Rée and Nietzsche at the crucial moment of his break with the Schopenhauerian and Wagnerian theses and the production of his work *Human, All Too Human*. This influence is related to the project of struggle against the idealism present in metaphysical philosophy, Christian religion and Romantic art. A “arm” of this fight is called “réealism”, whose expression, as we shall see, is linked to a philosophical practice that articulates the Darwinian theory of natural selection to psychological analysis and ideas raised by the French moralists with regard to human nature. Identified by Nietzsche as a “free spirit”, Rée is maintained within an ambiguous friendship, but fruitful, until the decisive gap motivated by altruism and the Nietzschean critique of the lack of questioning the need for moral reasons – task that will later be characterized as a genealogistic, because its question about the value of morality itself.

KEYWORDS

Nietzsche. Rée. Moral Darwinism. Friendship.

INTRODUÇÃO

O encontro de Nietzsche com Paul Rée se dá no ano de 1873¹ e sua presença se tornou decisiva no período imediatamente posterior ao rompimento de Nietzsche com Richard Wagner, em 1876, estando envolvida na produção temática e estilística de *Humano, demasiado humano*, obra que o filósofo alemão anunciou como o “monumento de uma crise” (EH², *Humano, demasiado humano*, 1). Quando conheceu Rée, Nietzsche trabalhava na redação da

¹ Nietzsche conhece Rée quando este visita a casa que Heinrich Romundt dividia com Nietzsche e Franz Overbeck em Basileia, onde Nietzsche ocupava a cadeira de filologia clássica. Nietzsche e Romundt se conheciam desde os tempos de Leipzig e partilhavam o gosto por Schopenhauer e por Wagner.

² Nesse artigo usaremos as siglas convencionais para citação dos escritos de Nietzsche: HH I (Humano, Demasiado Humano, vol. I); OS (Humano, Demasiado Humano II: Opiniões e sentenças diversas); AS (Humano, Demasiado Humano II: O andarilho e sua sombra); A (Aurora); GC (A Gaia Ciência); GM (Para a genealogia da Moral); KSA (*Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe* - edição crítica em 15 volumes organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari – a sigla será seguida do número do volume, número do fragmento, ano de escrita e página da edição); BM (Além de Bem e Mal); EH (Ecce Homo); CI (Crepúsculo dos Ídolos). Seguindo as letras, para as obras publicadas, constarão os números arábicos referentes ao número do aforismo da obra. Para as obras de Paul Rée usaremos as seguintes siglas: OP (Observações psicológicas), OSM (Origem dos sentimentos morais); EV (Ensaio sobre a Vaidade). Sobre as correspondências citadas usar-se a sigla KGB para *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*, seguida do número do volume e da página, além da data, quando for necessário.

primeira das *Considerações Extemporâneas*, contra David Strauss. Ambos os filósofos desenvolvem, a partir de então, uma mútua admiração e amizade, sentimento que viria a ser confirmado e fortalecido após a publicação, por parte de Rée, de *Observações Psicológicas*, em 1875. Essa obra despertara imediatamente o interesse e a aprovação de Nietzsche.

A amizade entre ambos pode ser facilmente confirmada pelas marcas intelectuais registradas seja nas obras publicadas e nos fragmentos póstumos, seja nas correspondências desse período, a ponto de podermos afirmar que é em torno dessa relação que são gestadas muitas das idéias de Nietzsche, seja no sentido de confirmação das teses de Rée (mormente no que diz respeito ao estudo das origens dos sentimentos morais e sua análise psicológica), seja no constante distanciamento que o filósofo alemão tenta manter em relação a elas. Além disso, é preciso notar que, em termos literários, o estilo aforístico presente em Rée também terá influência sobre a forma adotada por Nietzsche a partir de 1876, reconhecidamente uma potencialização do modo de escrita resgatado por Rée dos moralistas franceses³.

Como amigo, Rée terá grande importância frente à ruptura de Nietzsche com as idéias de Schopenhauer e as esperanças frustradas em relação a Richar Wagner⁴. Contra os idealismos, portanto, é que

³ A respeito da verve “moralista francesa” de Nietzsche cf. PIPPIN, 2006.

⁴ Sobre o rompimento com Wagner, Nietzsche escreve a seu amigo, o Barão Seydlitz, em 18 de novembro de 1878: “Os meus sentimentos sobre Wagner são já completamente livres. Tudo tinha de passar como passou. Ele fez-me bem, **[CONTINUA]**”

esse “réalismo” de Nietzsche se volta, já que esse pode ser anunciado como o objetivo central de *Humano, demasiado humano* (e das obras do chamado segundo período): a criação de um pensamento próprio por parte de Nietzsche que se desvincule de forma decisiva dos idealismos anteriores representados pela metafísica, pela religião cristã e pelo romantismo. O método desse desligamento será a formulação de uma análise físió-psicológica dos sentimentos morais, na perspectiva de uma “filosofia histórica” contraposta a uma “filosofia metafísica”, conforme se lê no primeiro parágrafo de *Humano, demasiado humano*, cujo título oferece o objeto de toda a obra: a “química dos sentimentos e dos conceitos” que guiaram toda a formação da moralidade e da cultura até então. Com essa análise “química”, Nietzsche pretende destacar a análise histórica do vir-a-ser (a partir do âmbito “empírico” e “sensível”) desses conceitos e sentimentos.

Rée partilha com Schopenhauer a crítica ao legalismo formal de Kant, mas busca em Darwin o seu apoio: o altruísmo, já tematizado por Schopenhauer, agora é explicado do ponto de vista científico. Nietzsche está de acordo quanto ao

[CONTINUAÇÃO DA NOTA 4] e agora contemplo a minha emancipação de Wagner como um progresso espiritual. Alguém me disse: ‘O caricaturista de Bayreuth é um mal agradecido e um louco’. Eu lhe respondi: ‘Homens destinados a tão altas coisas devem ser apreciados, relativamente à virtude burguesa da gratidão, com medida proporcional ao seu destino’. Além disso, talvez eu não seja muito mais agradecido do que Wagner. (...)” (KSB II/5, p. 363).

procedimento, mas discorda radicalmente da premissa do altruísmo como motor da ação moral. Em *Humano, demasiado humano* Nietzsche partilha com Rée o interesse pelo procedimento “científico”, mas já em *Aurora* o rompimento é iniciado para, finalmente, se tornar explícito em *Para a genealogia da moral*.

MARCAS DE UMA AMIZADE

O tema da amizade é um dos mais frequentes nesse período da produção de Nietzsche, estando associada à intenção de criar um “claustro para espíritos livres”⁵ no qual pudesse, sob inspiração epicurista, alimentar relações saudáveis, baseadas na afirmação de si e na partilha da alegria com os demais. Outrossim, é por essa noção que Nietzsche confronta seu pensamento com a proposta ética de Schopenhauer: se a moral schopenhauriana se apresenta como uma ética da compaixão (ligada a uma metafísica da ética), a proposta nietzschiana se organiza em torno de uma “ética” da amizade, noção sob a qual ele experimenta teoricamente e dá contornos as suas vivências mais próprias.

Essa idéia está exposta num fragmento póstumo de 1876 (KSA 8, 19 [9], p. 333): “Os que sabem congratular-se conosco estão acima e mais perto de

⁵ “Quem deseja gastar seu dinheiro como espírito livre deverá fundar institutos sob o modelo de claustros, para dar a possibilidade aos homens que não querem mais nada com o mundo, de viver amigavelmente em comum numa grande comunidade” (KSA 9, 17 [50], de 1876, p. 305). A mesma ideia aparece em carta a Erwin Rohde, de 16 de julho de 1870: “Nós precisamos dos claustros novamente. E precisamos novamente nos tornar os primeiros frades” (KSB III, p. 131).

nós do que os que conosco se compadecem. A congratulação (*Mitfreude*) faz o “amigo” (*Freund*) (o que se congratula) (*Mitfreunder*), a compaixão faz o companheiro de penas. Uma ética da compaixão precisa do complemento de uma superior ética da amizade (*Ethik der Freundschaft*)”. Explicitando a censura à moral de Schopenhauer, herdeira do princípio fundamental da moral cristã, que é o amor ao próximo (o que exige a abnegação de si e o nivelamento), Nietzsche mostra nessa passagem, de que forma a essência comum de todos os seres (tida por Schopenhauer como a *Vontade*) levou a ética da compaixão a se tornar um culto da dor. Segundo Nietzsche, a ética da compaixão conduz à “negação da vontade de viver” (tema do livro IV de *O mundo como vontade e como representação*) e, por isso, ela exige um ultrapassamento em direção à afirmação da vida, o que ocorre pela superação do desgosto do indivíduo consigo mesmo e com o mundo, pelo fator configurativo da alegria presente nas relações de amizade. Para Nietzsche, a partilha da dor conduz à recusa da ligação com a vida e promove o desejo de fuga e de alienação do indivíduo num outro. A amizade, ao contrário, expressa a alegria da convivência com os pares cuja relação se dá no enfrentamento e na disputa livre. Ainda que esse “projeto” não se efetive em termos teóricos e muito menos enquanto experiência concreta, suas marcas permanecem indelévelis no pensamento nietzschiano.

Rée, nesse caso, aparece como a companhia certa, pela liberdade de espírito que ele manifesta e pelas experiências às quais ele está ligado. Em carta a Rée de 21 de fevereiro de 1876, Nietzsche escreve: “Eu sinto

saudade de tua presença, e pra dizer a verdade, eu deveria culpar você por eu ter desperdiçado a minha solidão. Porque se eu tinha de me acostumar, depois de longo tempo, a conter tudo em mim, a solidão me parece tão solitária agora que eu tenho a possibilidade de dizer tudo e de dizer a você” (KSB II/5, p. 135). Esse é o tom, igualmente, de outra carta de junho de 1877: “Várias vezes por dia eu gostaria de tê-lo comigo, porque eu estou sozinho, e de todas as companhias, a sua é para mim uma das mais preferidas e a mais desejável” (KSB II/5, p. 245). Em novembro do mesmo ano (1877), Nietzsche volta a reclamar a presença do amigo: “Devo dizer-lhe que nunca em minha vida encontrei tantos encantos na amizade do que obtive graças a você durante esse ano, sem falar em tudo o que você me ensinou. Quando você fala sobre sua pesquisa, a ideia de te rever me dá sempre água na boca; nós somos feitos para nos entender, eu creio que nós nos encontramos sempre a meio caminho, como bons vizinhos que têm sempre no mesmo momento a ideia de se visitar e que se reencontram nos confins de suas terras” (KSB II/5, p. 290).

Essas cartas, pela linguagem serena e afetiva, demonstram a importância dada por Nietzsche a essa marcante amizade. Essa amizade se consolida no retiro de Sorrento, depois da decepção sofrida por ambos no Festival de Bayeuth, no mês de outubro de 1876. Rée aparece, assim, quase como um antídoto contra a decepção de Nietzsche com Wagner: contra todo idealismo um réalismo! O inverno em companhia de Paul Rée, Malwida Von Meysenburg e do jovem aluno

Albert Brenner, será decisivo para o amadurecimento das idéias que distanciariam definitivamente Nietzsche de Richard Wagner. Em Sorrento, Nietzsche beneficia-se do clima mediterrâneo e experimenta a companhia de verdadeiros “espíritos livres”. Nos passeios ao longo da paisagem do litoral italiano, as conversas e as leituras se fazem extremamente produtivas do ponto de vista intelectual: Nietzsche, perante a evidente melhoria de seu estado de saúde, escreve grande parte dos aforismos que viriam a formar *Humano, demasiado humano*. Quanto a Rée, ele dá início à produção de seu ensaio *Sobre a origem dos sentimentos morais*, publicado em 1877. A publicação dessas duas obras confirma os laços de amizade entre ambos, mas não evita o seu distanciamento físico: poucos e rápidos encontros posteriores podem ser registrados, entre os quais um em 1880, quando a mãe de Nietzsche pede a Rée que o visite em Naumburg e outra em 1882, quando os dois se encontram em Gênova.

Nesse mesmo ano de 1882 ocorre o fatídico encontro com a jovem russa Lou Salomé, que viria a distanciar definitivamente os dois amigos. Depois de uma viagem a três pelo Norte da Itália e Lucerna, eles se separaram até quando, em outubro do mesmo ano, Nietzsche se encontra novamente com Rée e Lou em Leipzig e desiste de seu projeto de criação de um “claustro para espíritos livres” que seria fundado pelos três e rompe definitivamente essa amizade. Formando-se em Medicina em Munique, Rée morre em outubro de 1901, num acidente às margens do Rio Inn, na região de Engandina, nos Alpes Suíços.

O RÉALISMO DE RÉE

Rée evoca em Nietzsche o seu “réalismo” na medida em que possibilita um distanciamento completo e radical das idéias metafísicas que acompanham toda a primeira parte de sua produção intelectual. A originalidade do pensamento de Paul Rée está na sua capacidade de articulação da teoria darwinista da seleção natural às análises psicológicas e às idéias evocadas pelos moralistas franceses no que diz respeito à natureza humana. Seu estilo a um tempo ensaísta e aforístico, remonta a autores que, a essa época também despertam o interesse de Nietzsche, entre os quais estão Montaigne, La Rochefoucault e Vauvenargues.

O primeiro livro publicado por Rée em 1875, *Psychologische Beobachtungen: Aus dem Nachlass Von ****, contém 475 aforismos divididos em 7 capítulos, entre os quais estão observações *Sobre livros e autores*, *Sobre as ações humanas e seus motivos*, *Sobre mulheres*, *amor e casamento*, *sobre religião*, *sobre felicidade e infelicidade*, entre outros temas diversos. Já pela lista de assuntos, não é difícil estabelecer um paralelo entre essas temáticas e aquelas analisadas por Nietzsche nos aforismos de *Humano, demasiado humano*. Como afirma Robin Small, na introdução à sua tradução da obra de Rée para o inglês, o tom geral da obra pode ser encontrado logo na epígrafe do livro, uma citação do filósofo francês Arthur de Gobineau (um teórico do racismo), admirado por Schopenhauer, de quem Rée se encontra bastante próximo nesse momento. A epígrafe diz: “O homem é o animal maldoso por excelência”. Trata-se, portanto, de uma obra na qual as ações

humanas são interpretadas a partir de motivos ocultos que são sempre interesseiros e maldosos, guiados pela hipocrisia e pela vaidade e disfarçados pela virtuosidade moral algo que, em muito, dá concretude à tese geral da filosofia schopenhauriana, segundo a qual a Vontade age de modo sempre egoísta e interesseiro.

Para Rée é a vaidade (*Eitelkeit*), conceito usado em sentido ampliado para designar o prazer ou a dor obtida pela boa opinião dos outros em relação a si, que guia as ações humanas em sociedade e, por isso mesmo, funda a moralidade. É o que se lê, por exemplo, no aforismo 57 de *Observações psicológicas*: “Nossas ações são guiadas pela opinião dos outros. Sendo assim, mesmo com coisas que concernem à nossa exclusividade, nós fazemos não apenas o que parece bom para nós, mas também o que aparece como bom para os outros”. No geral, isso ocorre porque “nosso interesse não é tão sensível quanto nossa vaidade” (OP, 73) e mesmo poder-se-ia afirmar que “a sociedade civil provavelmente não seria possível sem a existência da vaidade” (OP, 87) porque, para Rée, “as pessoas não viveriam juntas em sociedade se não tivessem vaidade” (OP, 329). A vaidade seria sempre o sentimento motor das ações humanas: “nós frequentemente sacrificamos nosso interesse por nossos amigos, enquanto nossa vaidade encontra alguma forma de recompensa nisso, mas a vaidade, ela mesma, nós nunca sacrificamos” (OP, 182).

Como sentimento inato, a vaidade se fortalece através das gerações, seja devido à repetição das experiências que trazem benefícios em função da

aprovação dos outros seja porque esse impulso de aprovação é um traço inato intensificado através das gerações devido à seleção natural, já que na luta pela existência a vaidade, intensificada pela via da aprovação dos outros, fornece uma vantagem aos indivíduos e aos grupos, uns frente aos outros. Para Rée, essa vaidade se expressa em hábitos que são repassados de geração para geração, segundo a teoria darwinista, que prega, tanto quanto a teoria lamarckiana, a hereditariedade das características adquiridas. O impulso para conquistar a admiração dos demais seria, assim, fundamental para a sobrevivência dos indivíduos e da espécie como tal.

Nessa perspectiva, os temas do altruísmo e da interpretação moral dos fenômenos são entendidos a partir de um olhar “naturalista” que recupera a origem desses sentimentos: “como o geólogo, o autor começa levantando o fenômeno moral da experiência, indo desde a história de seu começo, tão longe quanto suas habilidades favorecem” (OSM, *Prefácio*). Antes da teoria darwinista, afirma, Rée, era impossível formular essas teses e explicá-las por causas imanentes. Rée está em busca de uma “força imperativa” (SMALL, p. xx) que explique os sentimentos morais. Se para Schopenhauer, o sentimento de compaixão ocorre naturalmente e representa a raiz de todas as ações morais, recorrendo à crítica do legalismo formal estabelecido por Kant, num viés metafísico, como fundamento da moralidade, Rée busca no darwinismo (portanto, numa visão científica) a explicação que torne possível esclarecer o fundamento da moralidade ainda

a partir do altruísmo. Para Schopenhauer, a posição kantiana de que apenas a razão poderia fornecer as bases dos sentimentos morais, seria nada mais do que uma ilusão e um erro. Para Schopenhauer, ao falar em “lei” e “dever” Kant não faz mais do que retornar aos argumentos da “moral teológica” presente, por exemplo, nos Dez Mandamentos. Rée, nesse sentido, interpreta Schopenhauer, observando que a moralidade derivada da natureza humana consiste apenas em costumes “concebidos para evitar os conflitos e promover benefícios dos indivíduos e dos grupos” (SMALL, xxi). Para Rée, toda crença religiosa seria uma herança não da “simplicidade do coração, mas da simplicidade da cabeça” (OP, 409). O que guia a fé não é outra coisa que o próprio interesse: “interesse próprio e desejo de felicidade são o principal apoio para a crença na verdade da religião” (OP, 413) e ainda o medo, que é a “mãe da crença e hábito a sua parteira” (OP, 411), já que a fé salva do desespero (OP, 421). Todos os chefes de religião, inclusive, não passariam de atores: “atores e padres tem em comum, entre outras coisas, que um vê a sua profissão no outro: suas faces tem sido frequentemente o lugar onde um anti-natural e artificial sentimento é registrado, adquirindo com o passar do tempo a expressão do anti-natural, artificial e distorcido” (OP, 425).

Ora, nem todas as ações seriam, segundo Schopenhauer, fundamentadas nesses interesses. É preciso reconhecer que o altruísmo fundamenta algumas ações, como a justiça, a caridade e o auto-sacrifício. É justamente a falta de interesse (ou: o

desinteresse) que legitimaria a moralidade dessas ações e em caso de que isso venha a ser impossível, a própria moral também o seria. Réé aceita essa argumentação de Schopenhauer: qual seja, a de que o altruísmo é a base da moralidade, mas recusa a perspectiva metafísica que ainda persiste como um resquício kantiano. A perspectiva “réalista” é mais “naturalista” na medida em que tenta explicar o altruísmo como fundamento da moralidade apelando à teoria da seleção natural: “a vaidade vem se tornando extraordinariamente forte com a seleção natural” (EV, p. 76). Partindo da observação de que o comportamento egoísta está presente em todas as espécies e que no ser humano ele é interpretado a partir da moral, ou seja, a partir de uma construção conceitual que reflete processos de valoração apoiados pela consciência. Assim, a valorização de ações não-egoístas como moralmente boas, dependeria de convenções sociais apoiadas pelo benefício ou prejuízo que elas trariam para os outros. É esse, em outras palavras, o fundamento da moralidade: uma avaliação do interesse individual ou social de determinados hábitos. Por isso, aquilo que é *bom* torna-se reconhecido como tal na medida em que é *bom para* alguém, ou seja, na medida em que é útil. Toda moral esconderia, dessa forma, um caráter ilusório, na medida em que esconderia sua “origem” no interesse natural.⁶

⁶ SMALL (2003, p. xxiii) destaca a proximidade dessas ideias de Réé com as de Herbert Spencer, o qual sustentou que os conceitos de hábito e associação apoiariam as construções morais. Para Spencer, a racionalidade ética estaria ligada a um progresso da humanidade. Réé, ao contrário, não acredita nessa visão, já que não compartilha a ideia de que **[CONTINUA]**

Assim, a base da moralidade, para Rée, seria o altruísmo, mas o caminho para alcançá-lo estaria ligado à seleção natural através do interesse da espécie. Durante toda a sua obra *Observações Psicológicas*, o que se nota é uma constante afirmação do egoísmo como base de todas as ações humanas. Por que, então, ainda existem ações altruístas e como elas podem ser explicadas? Por dois motivos, segundo Rée: primeiro porque somos treinados desde crianças a evitar hábitos que prejudicam os outros de tal forma que essas experiências criam em nós aquilo que se poderia chamar de uma “segunda natureza”; segundo, porque o altruísmo é inato, ou seja, o instinto gregário seria congênito à natureza humana, “tendo aparecido como variações que foram favorecidas pela seleção natural, pois grupos que praticam apoios mútuos e cooperação têm vantagem na luta pela existência” (SMALL, 2003, p. xxv). A manutenção do altruísmo se deve, portanto, ainda, à hereditariedade das características adquiridas.

Vale lembrar que para Darwin, principalmente na segunda parte da *Descendência do Homem*, livro que serve de referência para essas teses de Rée, os animais também possuem o sentimento de simpatia e um senso instintivo de amor – razão pela qual isso estaria presente também no homem, cuja prática se dá nas tribos, famílias ou

[CONTINUAÇÃO DA NOTA 6] a moralidade levaria a humanidade ao progresso. Esse progresso só seria possível caso de fato os atos humanos fossem guiados unicamente pelo amor aos outros. Na verdade, para Rée, a maior parte dos atos humanos não são guiados a não ser pelo interesse próprio. O máximo que a moral faria, em termos de progresso, seria na linha do auto-controle, ou seja, ela contribuiria para a domesticação da humanidade.

grupos de interesse. Por meio de tais práticas é que nasceriam os comportamentos morais, portanto. Sendo assim, o impulso primário por trás da ação moral seria o instinto social: aprovação ou desaprovação dos outros, ou seja, um princípio relacional segundo o qual a avaliação moral de um ato se estabeleceria a partir da pergunta sobre a maior felicidade que tal ato pode provocar ao maior número possível de membros de uma coletividade. A partir daí, sempre segundo Darwin, a experiência passada do que é agradável, útil e prazenteiro seria repassada como uma tendência inerente à condição humana. nessa medida, mesmo o remorso ou a culpa não seriam mais do que uma frustração do instinto natural de cuidar do bem dos outros.

NIETZSCHE E RÉE: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Pode-se afirmar que essas ideias de Rée distanciam Nietzsche da metafísica schopenhauriana e o aproximam de um “racionalismo científico” (SMALL, 2003, p. xxxiv) que deixará uma marca indelével em *Humano, demasiado humano*, como já afirmamos acima, seja pela forma aforismática ali inaugurada, seja pela temática filosófica então elaborada. O que interessa em Rée para Nietzsche é a abordagem psicologia por ele promovida como forma de enfrentamento dos problemas morais, ou seja, a forma de análise psicológica serviria de base para uma análise da moralidade como nascida das convenções e costumes e não de algum fundamento ou faculdade moral *stricto sensu*. É esse o tom do fragmento 36 de *Humano, demasiado humano*, no qual se lê:

(...) Qual a principal tese a que chegou um dos mais frios e ousados pensadores, o autor do livro *Sobre a origem dos sentimentos morais*, graças às suas cortantes e penetrantes análises da conduta humana? ‘O homem moral’ – diz ele – ‘não está mais próximo do mundo inteligível (metafísico) que o homem físico.’ Esta proposição, temperada e afiada sob os golpes de martelo do conhecimento histórico, talvez possa um dia, em algum futuro, servir como o machado que cortará pela raiz a ‘necessidade metafísica’ do homem- se para a benção ou para a maldição do bem estar geral, quem saberá dizê-lo?-mas, em todo o caso, como uma tese das mais graves conseqüências, simultaneamente fecunda e horrenda, e olhando para o mundo com aquela dupla face que possuem todos os grandes conhecimentos.

Em uma carta de 24 de abril de 1878 (KGB II/ 5, p. 324), Nietzsche envia o livro a Paul Rée com a seguinte mensagem: “Isso pertence a você – aos outros ele apenas é oferecido”. Já no segundo capítulo de *Humano, demasiado humano*, intitulado *Contribuição à história dos sentimentos morais*, a referência à obra de Rée é explícita, não só pelo título, mas pelas menções diretas e indiretas. Se no primeiro capítulo Nietzsche apontara que a ciência seria o mecanismo para a superação da metafísica (presente na filosofia, na arte romântica e na religião cristã) – contraponto uma “filosofia histórica” a uma “filosofia metafísica” (HH I, 1); no segundo capítulo o filósofo acaba por explicar a sua noção de ciência: a história dos sentimentos morais e a própria psicologia são os meios que, ao desvendar

a história da ação humana, levariam à bancarrota os idealismos da metafísica. É isso o que se lê já no primeiro aforismo desse segundo capítulo, sob o título de *Vantagens da observação psicológica*: “Que a reflexão sobre o humano, demasiado humano – ou, segundo a expressão mais erudita: a observação psicológica – seja um dos meios que nos permite aliviar o fardo da vida (...) nisso se acreditava, isto se sabia – em séculos passados” (HH I, 35).

A associação entre a tarefa completa de *Humano, demasiado humano* e a arte da observação psicológica é óbvia e, mais ainda, que esse método conduziria ao alívio do peso da existência, que nada mais é do que o peso da metafísica que condenou a vida, que tornou a vida pesada e insuportável. No parágrafo 37 esse tema retorna: “no presente estado de uma determinada ciência, o ressurgimento da observação moral se tornou necessário, e não pode ser poupada à humanidade a visão cruel da mesa de dissecação psicológica e suas pinças e bisturis. Pois aí comanda a ciência que indaga a origem e a história dos chamados sentimentos morais (...)” (HH I, 37). No mesmo aforismo o nome de Rée é citado:

Qual a principal tese a que chegou um dos mais frios e ousados pensadores, o autor do livro *Sobre a origem dos sentimentos morais*⁷, graças às suas cortantes e penetrantes análises da conduta humana? “O homem moral” – diz ele – “não está mais próximo do mundo inteligível (metafísico) que o homem físico”. Esta proposição, temperada e

⁷ Que havia sido publicado em 1877, um ano antes da publicação de *Humano, demasiado humano*.

afiada sob os golpes de martelo do conhecimento histórico, talvez possa um dia, em algum futuro, servir como o machado que cortará pela raiz a “necessidade metafísica” do homem. (HH I, 37).

No aforismo 39 a proximidade do procedimento analítico de Nietzsche e de Rée novamente se torna explícita, quando Nietzsche elabora as fases da história dos sentimentos morais, destacando, na primeira fase, a noção de utilidade e as “conseqüências úteis” trazidas pelas ações isoladas chamadas de boas ou más; na segunda fase, a partir do esquecimento dessa origem, quando e valoriza os atos em si como bons ou maus e o próprio homem como bom ou mau a partir de um erro da língua que mistura “o efeito como causa”; e a partir daí responsabiliza-se o homem por “seus efeitos, depois por suas ações, depois por seus motivos e finalmente por seu próprio ser” (HH I, 39).

A conclusão de Nietzsche não seria outra: a história dos sentimentos morais leva à afirmação de que essa mesma história não passaria de um erro “o erro da responsabilidade, que se baseia no livre-arbítrio”. Toda a análise, que inclui a citação de Schopenhauer, nesse parágrafo, é extremamente próxima daquela impetrada por Rée, principalmente no capítulo 3 de sua obra, capítulo este que tem como título: *Responsabilidade e liberdade da vontade*. O argumento de Nietzsche é o mesmo de Rée: a responsabilidade por um ato não deveria ser buscada no criminoso, mas nos educadores, parentes e na sociedade na qual ele está inserido.

O aforismo 96 de *Humano, demasiado humano*, mostra como Nietzsche entende a noção de bom

segundo a ideia de utilidade: como “bom para algo”, segundo determinados “valores” de uma tradução que busca a conservação da comunidade humana. Nesse sentido, *mau* seria “ser não moral”, ou seja, mostrar-se avesso à tradição. Por isso, para o filósofo alemão não é a diferença entre egoísmo e altruísmo que teria fundado alguma moralidade, mas justamente pela análise que diferencia na moralidade a sua falta de fundamentação moral (por ela estar ligada à tradição popular).

No aforismo 89 de *Humano, demasiado humano*, intitulado *Vaidade*, mais uma vez essa proximidade pode ser constatada no que diz respeito à centralidade do tema da vaidade na obra de Rée. Nietzsche afirma aí:

Cuidamos da boa opinião das pessoas, primeiramente porque ela nos é útil, depois porque queremos lhes dar contentamento. Apenas quando alguém acha importante a boa opinião alheia sem considerar o proveito ou o desejo de contentar é que falamos de vaidade. Nesse caso o indivíduo quer contentar a si mesmo, mas à custa de seus semelhantes, induzindo-os a uma falsa opinião a seu respeito ou visando um grau de ‘boa opinião’ em que esta vem ser penosa para todos os demais (ao suscitar inveja) (HH I, 89).

A herança de Rée é mais do que evidente, mais uma vez, porque a vaidade seria o sentimento que mobiliza cada indivíduo a agradar mais a si mesmo do que aos demais, mas que, para isso, necessitaria contar com o apoio dos demais em função do prazer consigo mesmo. Trata-se de um processo de denúncia da ilusão da moralidade. Em *O andarilho e sua sombra*, Nietzsche

condensa essa posição de proximidade em relação a Rée, analisando a origem dos sentimentos morais:

As mesmas ações que na sociedade originária foram efetuadas com vistas à utilidade comum foram posteriormente levadas a cabo por outras gerações, por outros motivos: por medo ou reverência em relação àqueles que as exigiam ou recomendaram, ou por hábito, porque desde a infância se viu fazer assim à sua volta, ou ainda por benevolência, porque a sua realização geralmente produzia alegria e aprovação, ou por vaidade, na medida em que elas eram elogiadas por isso. Tais ações cujos motivos básicos, aqueles de utilidade, foram esquecidos, são então chamadas de ações morais: Não porque são realizadas a partir daqueles outros motivos, mas porque não são realizadas por nenhuma razão consciente ou utilidade.- De onde deriva este ódio pela utilidade, que se torna *aqui* visível, onde todo agir louvável se separa formalmente do agir por amor ao útil? – Evidentemente a sociedade, lar de toda moral e de todos os elogios do agir moral, teve de lutar durante muito tempo e demasiado duramente contra o útil egoísta e a obstinação de cada um, para não julgar, no fim, qualquer outro motivo moralmente superior à utilidade. Assim nasce a aparência de que a moral não se desenvolveu pela utilidade; na medida em que ela é originariamente o útil social, que teve muita dificuldade para se afirmar e para adquirir consideração superior contra todas as utilidades privadas.

No geral, portanto, se Nietzsche concorda desde o início com a crítica de Rée ao fundamento metafísico da moralidade como havia proposto Schopenhauer, ele

não aceita a hipótese de que haveria alguma natureza altruísta no ser humano, já que a sua análise conduz a uma total ausência de fundamento moral para a origem da própria moralidade, pois a história do surgimento da própria moralidade aparece paulatinamente a Nietzsche como imoral e como mero resultado de associações culturais. É o que o filósofo expressa ao se referir aos “emaranhados problemas sociológicos” que estariam por trás da “história dos sentimentos morais”:

Seja qual for o resultado dos prós e dos contras: no presente estado de uma determinada ciência, o ressurgimento da observação moral se tornou necessário, e não pode ser poupada à humanidade a visão cruel da mesa de dissecação psicológica e de suas pinças e bisturis. Pois aí comanda a ciência que indaga a origem e a história dos chamados sentimentos morais, e que, ao progredir, tem de expor e resolver os emaranhados problemas sociológicos:– a velha filosofia não conhece em absoluto estes últimos, e com precárias evasivas sempre escapou à investigação sobre a origem e a história dos sentimentos morais. (HH I, 37).

INTERESSES COMUNS

A mudança de estilo e de pensamento do Nietzsche de *Humano, demasiado humano* parece tê-lo preocupado, fato que se denota da tentativa de publicação da obra sob o pseudônimo de Bernhard Cron, proposta que fora recusada pelo editor Ernst Schmeitzner, o qual afirma: “Uma coisa eu devo expressamente solicitar, que o livro não deve aparecer sob um pseudônimo” (carta de 25 de janeiro de 1878

– KGB II/5, 329). O curioso é que Rée havia publicado *Observações Psicológicas* também sob um pseudônimo. As razões oferecidas por Nietzsche, entretanto, são outras: ele não quer que a nova obra influencie na avaliação das obras anteriores, nem quer o seu nome envolvido em controvérsias públicas que desviassem do verdadeiro interesse temático do livro, e, finalmente, ele gostaria de encorajar uma avaliação objetiva da obra entre os seus amigos. Essas razões são apresentadas em uma carta que Nietzsche pretendia enviar a Richard e Cosima Wagner (KGB II/5, 298) mas que desistira frente à recusa da proposta por parte do editor. Nas palavras de SMALL (2003, p. xxxvii), “Nietzsche estava fazendo um jogo duplo, tentando manter suas opções abertas o mais possível”. Mas isso só seria possível até que os Wagner encontrassem o livro, que, já pela dedicatória a Voltaire ⁸ (o verdadeiro libertador do espírito), seria

⁸ Em 31 de maio de 1878, Nietzsche escreve a Peter Gast em referência tanto a Voltaire quanto às críticas dos Wagner: “No dia do centenário de Voltaire, recebi dois presentes, ambos comovedores: a sua carta e uma remessa anônima, procedente de Paris, contendo um busto de Voltaire, e um cartão com as seguintes palavras: “A alma de Voltaire apresenta os seus cumprimentos a Frederico Nietzsche.” Juntando à sua, as outras duas pessoas que mostraram verdadeira alegria pela publicação do meu livro, ou seja, Rée e Burckhardt (o qual, repetidas vezes, denominou a minha obra de “livro soberano”), poderei formar uma idéia de como deveria ser a condição dos homens para que o meu livro pudesse produzir um rápido efeito. Mas isto não pode ser e não o será, por muito que o sinta pelo meu excelente editor. Em Bayreuth, exerceu-se a censura sobre o meu livro, e parece que também se trata de deixar cair a grande excomunhão sobre o seu autor. Sem dúvida, pretendem conservar os meus amigos, já **[CONTINUA]**

recebido como uma ofensa, já que Richard e Cosima alimentavam um desafeto com os autores franceses em geral – ao contrário, justamente, de Rée.

Aliás, não demorou muito para que o anti-semitismo dos Wagner viesse à tona logo após a recepção da obra (ainda que Nietzsche tenha substituído o nome de Wagner pelo genérico “o artista”, principalmente nos aforismos 146, 147 e 222), eles identificaram na mudança de Nietzsche a influência de “Israel na forma do Dr. Rée”. Ou seja, os Wagner identificam a companhia do judeu Paul Rée como motivo para o rompimento de Nietzsche e a radical mudança de suas ideias. Num artigo assinado na revista *Bayreuther Blätter*, Wagner ataca a nova “escola histórica” que teria tomado conta da filosofia alemã, usando de forma dogmática a ciência natural. Ainda que não cite Nietzsche ou Rée, a referência é óbvia e,

[CONTINUAÇÃO DA NOTA 8] que me perdem a mim, e, deste modo, me certifico do que sucede e se planeja, nas minhas costas. Wagner perdeu uma grande ocasião de mostrar a sua magnanimidade. Isso não há de induzir-me em erro, na opinião que dele tenho, nem na que tenho de mim próprio. Se todos quisessem dedicar ao meu livro tanto tempo e tão penetrante estudo como os que a sua bondade o levou a consagrar-lhe, por certo que conseguiriam alguma coisa, isto é, novos pensamentos e sentimentos e o mais vigoroso estado espiritual, como se tivessem entrado na atmosfera, mais ligeira e pura, das alturas. Rée diz que só noutro livro, as *Conversações*, de Eckermann, encontrou um análogo parecer frutífero. Uma multidão de reflexões foram-lhe sugeridas por mim. Isto é o melhor que eu poderia esperar da minha obra: que ative a produção de outros e que, como disse Jacob Burckhardt “coadjuve o aumento da independência no mundo”. (KSB II/5, p. 330).

além disso, Wagner encerra o texto fazendo referência a um fragmento de Nietzsche, o aforismo 113 de *Humano, demasiado humano*. Em carta a Ernst Schmeitzner Nietzsche afirma: “Que W. tenha se objetado a mim *publicamente* é justamente o que eu quero, eu odeio todo boato e toda oposição velada” (KGB II/5, p. 347).

Erwin Rohde, além dos Wagner, também identifica a influência de Rée sobre Nietzsche, acusando-o de “repentinamente ter se tornado Rée”. A essa acusação Nietzsche responde, problematizando a recepção do próprio livro e as críticas de que ele teria se rendido a Rée:

Isto é belo e justo, meu querido amigo! A nossa união não repousa num pedestal de barro que possa ser destruído por um livro. Desta vez, espero com tranqüilidade que, pouco a pouco, serenem as ondas entre as quais se debatem os meus pobres amigos. A vida deles não corre perigo com isso, e isso eu se por experiência, e, se aqui e além a amizade pudesse corrê-lo, devíamos continuar servindo fielmente à verdade, e dizer: “Amamos até agora, um no outro, apenas uma sombra”. Muito se poderia dizer, e muito, e muito mais inefável, pensar sobre os efeitos do meu livro. Posso ousar, de brincadeira, comparar-me a um homem que tivesse preparado uma grande refeição, e que, vendo fugir os seus convidados ante os ricos manjares que lhes oferecia, se sentisse feliz de que algum se deixasse tentar por um bocado (como se passou contigo, meu querido e bom amigo, com os gregos, aos quais fizeste uma grande honra). Não subtilizes, procurando a origem do meu livro.

Continua aproveitando o que de bom encontrarás nele. Oxalá chegue, depois, a hora em que, com a tua bela fantasia construtiva, contemples o todo como tal e possas tomar parte na maior felicidade de que eu, até agora, gozei. Procura-me sempre no meu livro, e não ao amigo Réé. Orgulho-me de ter descoberto as suas magníficas qualidades e intenções; mas ele não teve a menor influência na concepção da minha *Philosophia in nuce* que estava terminada e, em grande parte, confiada ao papel, quando, em 1876, travei íntimo conhecimento com ele. Encontrando-nos à mesma altura, o prazer das nossas conversações foi ilimitado, e grande o proveito, decerto, para ambos. (Tanto que Réé, com carinhoso exagero, me dedicou o seu livro *Sensações Morais*, com as palavras: “Ao pai deste livro, a mãe agradecida”). Isto, porventura, far-me-á parecer, perante ti, ainda mais extraordinário e incompreensível. Se sentisses o que eu agora sinto, desde que finalmente se ergue o ideal da minha vida – apura e fresca atmosfera das alturas e um túbio calor à minha volta – alegrar-te-ias por mim e comigo. Mas esse dia há de chegar! (KGB, II/5, p. 333, de 16 de junho de 1878).

Ao mesmo tempo, pouco depois, Nietzsche escreve, quase irônico, para Réé: “*Todos os meus amigos estão agora de acordo que meu livro vem de você e é escrito por você: então eu parabenejo você por essa nova autoria (no caso de sua boa opinião não ter mudado)... Vida longa ao Réalismo e a meu bom amigo!*” (KGB II/5, p. 347, de 10 de setembro 1878).

Por essa polêmica recepção de *Humano, demasiado humano*, não é difícil imaginar que Nietzsche tenha logo sentido a necessidade de se distanciar de

Rée a fim de, mais uma vez, conquistar um caminho próprio para si mesmo. Esse distanciamento se apresenta já em 1881, com a publicação de *Aurora*. Ao negar a moralidade nessa obra, Nietzsche mostra que os motivos que se escondem por detrás de suas ações não são reais, em outras palavras, que as pessoas enganam tanto a si quanto aos outros pelas ações morais e que nenhum juízo moral deve ser considerado como verdadeiro. É o tema do aforismo 103, no qual Nietzsche nega os pressupostos da moralidade e da imoralidade, revertendo a opção pelo seguimento de Rée.

Ou seja, a questão agora se aprofunda: o que Nietzsche coloca em questão em *Aurora* é o valor mesmo da moralidade e não apenas a sua fundamentação – e isso não havia sido feito por Rée, na medida em que ele mantinha-se ligado ao pensamento do altruísmo *a la* Schopenhauer. Essa *avaliação* dos valores proposta por Nietzsche, obviamente passa por uma genealogia dos valores que será implementada como herança do “réalismo” nietzschiano. Ao dar continuidade ao pensamento schopenhauriano, Rée não questiona as bases da moral, apenas inverte o argumento para a sua afirmação (de metafísico para científico). A tese de Rée, assim, não poderia ser aceita mais por Nietzsche, porque ela permanecia confinada na tarefa de fundamentação da moral, usando Darwin como alternativa a Schopenhauer.

Não à toa, no seu prefácio à *Genealogia da moral*, Nietzsche escreve:

O primeiro impulso para divulgar algumas das minhas hipóteses sobre a procedência da moral me

foi dada por um livro claro, limpo e sagaz – e maroto –, no qual uma espécie contrária e perversa de hipótese genealógica, sua espécie propriamente inglesa, pela primeira vez me apareceu nitidamente, e que por isso me atraiu – com aquela força de atração que possui tudo o que é oposto e antípoda. O título do livrinho era *A Origem das Impressões morais*, seu autor, o dr. Paul Rée; o ano de seu aparecimento, 1877(...) Na obra acima mencionada, na qual trabalhava então (*Humano Demasiado Humano*), eu me refiro, oportuna e importunamente, às teses deste livro, não para refutá-las (...), mas sim, como convém num espírito positivo, para substituir o improvável pelo mais provável, e ocasionalmente um erro por outro (GM, Prólogo, 4).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O distanciamento de Nietzsche em relação a Rée se manifesta de forma clara em 1885, quando o primeiro escreve, a respeito da publicação de Rée *Sobre a Origem da Consciência* (que, de resto, não traz nenhuma novidade em relação às duas primeiras obras): “Ontem eu vi o livro de Rée sobre a consciência: quão vazio, quão cansativo, quão falso! Alguém deveria escrever apenas sobre coisas que tenha realmente experimentado” (KGB III/3, p. 102, de 17 de outubro de 1885).

Para Rée, “O homem moral não está mais próximo do mundo inteligível (metafísico) do que o homem físico” (OSM, *Introdução*). Essa frase é complementada por Nietzsche em *Ecce Homo (Humano, demasiado humano, 6)*: “pois não existe um mundo inteligível”. Esse “complemento” está pautado numa

tentativa de afastamento de Nietzsche em relação a Rée, assinalando que a própria metafísica não passaria de uma invenção vazia. O que faltou a Rée, em resumo, foi uma atenção genealógica que superasse a ideia de uma “origem” para os sentimentos morais que pudesse ser desvendada pela análise científica. Eles não enfrentaram a pergunta sobre o valor da moral e seu desenvolvimento como necessidade psicológica.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPIONI, G. *Les lectures françaises de Nietzsche*. Paris: PUF, 2001.

NIETZSCHE, F. **Além do Bem e do Mal**. *Prelúdio a uma Filosofia do Futuro*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2. ed., 2002.

_____. **Assim Falou Zaratustra**. *Um livro para todos e para ninguém*. 15^a ed. Trad. de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Aurora**. *Reflexões sobre os preconceitos morais*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

_____. **Despojos de uma tragédia**. Correspondência inédita. Tradução e notas de Ferreira da Costa. Porto: Educação Nacional, 1944.

_____. **Ecce Homo**. Como alguém se torna o que é. Trad. notas e posfácio Paulo César de Souza. 2. ed. 3. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Escritos sobre educação**. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003. (Col. Teologia e Ciências Humanas, 11).

_____. **Genealogia da Moral**. Uma polêmica. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

_____. **Humano, Demasiado Humano.** Um livro para espíritos livres. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

_____. **Humano, Demasiado Humano II.** Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

_____. **Obras incompletas.** Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Col. Os Pensadores).

_____. **Sämtliche Briefe.** Kritische Studienausgabe (KSB). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. München/Berlin/New York: dtv/Walter de Gruyter & Co., 1986. (8 Bänden).

_____. **Sämtliche Werke.** Kritische Studienausgabe (KSA). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. München/Berlin/New York: dtv/Walter de Gruyter & Co., 1988. (15 Einzelbänden).

PIPPIN, R. **Nietzsche, moraliste français.** Paris: Odile Jacob, 2006. (Collège de France)

PONTON, O. **Nietzsche – Philosophie de la légèreté.** Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2007. (Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung, 53).

RÉE, Paul. **Basic writings.** Translated and edited by Robin Small. Illinois: University of Illinois Press, 2003. (International Nietzsche Studies).

SMALL, Robin. **Nietzsche and Rée.** Star friendship. Oxford; New York: Oxford University Press, 2007.

OLIVEIRA, J. R. O. “RÉALISMO” DE NIETZSCHE: MARCAS DE UMA AMIZADE
EM TORNO DA PRODUÇÃO DE HUMANO, DEMASIADO HUMANO. P. 35-66.

_____. *Translator’s introduction*. In: RÉE, Paul. **Basic writings**. Translated and edited by Robin Small. Illinois: University of Illinois Press, 2003. (International Nietzsche Studies). P. xi – liii.

